

SOBRE AS *FAKE NEWS* E A RESPONSABILIDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS¹

SOBRE AS *FAKE NEWS* E A
RESPONSABILIDADE DAS
CIÊNCIAS HUMANAS

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i1.52591>

Paula Furtado Goulart
Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/2446016925105012>

<https://orcid.org/0000-0002-5453-9867>

paulie.goulart@gmail.com

Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Universidade de Brasília com período sanduíche no Departamento de Filosofia da Universidade de Montréal, junto ao Prof. Dr. Jean Grondin. Mestrado em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade de Brasília - UnB.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

O fenômeno das *fake news* não é exatamente novo, mas, sem dúvida, atingiu um novo nível de relevância política e social nas últimas décadas, com o desenvolvimento da internet e a popularização da comunicação digital. As notícias falsas, os boatos e as fofocas fazem parte da vida comunitária e, portanto, da esfera de qualquer tecnologia de comunicação, intencionalmente ou não. As *fake news* que ocorrem no ambiente digital podem ter vários objetivos: a manipulação política e ideológica da opinião pública; finalidades econômicas; finalidades recreativas, em termos de abuso da credulidade alheia, dentre outros. Este artigo tem como objetivo apresentar as características, as causas e as possíveis consequências desse fenômeno na atualidade, com base na obra “*Post-truth*” do filósofo americano Lee McIntyre. Chamo a atenção para a responsabilidade das ciências humanas, em especial das principais teses do pensamento pós-moderno, considerado pelo autor uma das principais causas desse fenômeno, na medida em que defende a ideia de que a realidade é uma questão de narrativa. Para este último tópico, o tema será elucidado a partir do debate entre Gadamer e Derrida.

Palavras-chave: Ciências Humanas. *Fake news*. McIntyre. Pós-Modernidade. Responsabilidade.

ABSTRACT

The phenomenon of fake news is not exactly new, but it has undoubtedly reached a new level of political and social relevance in recent decades, with the development of the internet and the popularization of digital communication. Fake news, rumors and gossip are part of community life and thus of the sphere of any communication technology, whether intentionally or not. The fake news that occur in the digital environment have various purposes: political and ideological manipulation of public opinion; economic purposes; recreational purposes, in terms of abusing the credulity of others, among others. This article aims to present the characteristics, causes and possible consequences of this phenomenon today, based on the work “*Post-truth*” by the American philosopher Lee McIntyre. I will draw particular attention to the responsibility of the human sciences, especially the post-modern theory, as being considered one of the main causes of this phenomenon, as they defend the idea that reality is a matter of narrative. For the last topic, the theme will be elucidated throughout the debate between Gadamer and Derrida.

Keywords: Human Sciences. *Fake news*. McIntyre. Pos-Modernism. Responsibility.

Introdução

“[...]”

‘Eu estava pensando que talvez os filósofos sejam exatamente o que é necessário neste momento. Alguma reflexão profunda sobre o que está acontecendo neste momento?’

‘Sim. *De todos o verdadeiro perigo que se nos apresenta é que perdemos o respeito pela verdade e pelos fatos.* As pessoas descobriram que é muito mais fácil destruir reputações por credibilidade do que mantê-las. Não importa quão bons sejam seus fatos, outra pessoa pode espalhar o boato de que você é uma notícia falsa. *Estamos entrando em um período de obscuridade epistemológica e incerteza que não experimentamos desde a Idade Média.*’

‘Há uma percepção de que a filosofia é uma disciplina poeirenta que pertence à academia, mas na verdade, questões como o que é um fato e qual é a verdade são as questões fundamentais de hoje, não são?’

‘A filosofia não se cobriu de glória na forma como lidou com isso. *Talvez as pessoas agora comecem a perceber que os filósofos não são tão inócuos afinal de contas.* Às vezes, as opiniões podem ter consequências aterrorizantes que podem realmente se tornar realidade. Eu acho que o que os pós-modernistas fizeram foi verdadeiramente maligno. *Eles são responsáveis pela moda intelectual que fez com que fosse respeitável ser cínico sobre a verdade e os fatos. Você teria pessoas dizendo: ‘Bem, você faz parte daquela multidão que ainda acredita em fatos’[...]”*

(Dennet, 2017, tradução livre, grifos meus)¹.

¹ Entrevista publicada na versão online do jornal americano *The Guardian*, de 12 fevereiro de 2017. Para referências completas *vide* bibliografia.

Os trechos da entrevista acima, dada ainda em 2017, pelo filósofo americano Daniel C. Dennet^{II} representa a incredulidade acerca da degradação do conceito de verdade, que temos enfrentado de maneira mais acentuada desde o estabelecimento da comunicação digital como principal meio de informação e de comunicação – ainda que seja claro que boatos e fofocas façam parte da vida em comunidade e possam ser reconhecidos em diversos momentos históricos e em relação a diversos meios de comunicação.

A origem do fenômeno das *fake news* contemporaneamente tem muito mais causas, que apenas a ascensão da comunicação digital. Assim, para compreender mais integralmente a degradação do conceito de verdade e a sua relação com uma pretensa responsabilidade das ciências humanas (e, assim, dos pressupostos da pós-modernidade e do conceito de pós-verdade), a partir do conceito de *fake news*, este artigo é dividido em três partes, a saber: 1. O conceito de *fake news* e a pós-verdade; 2. Causas do fenômeno das *fake news* e, por fim, 3. A responsabilidade das ciências humanas, por meio da articulação ilustrativa entre o pensamento de Gadamer e Derrida.

O conceito de *fake news* e a pós-verdade

O primeiro uso público da palavra “pós-verdade” foi em 1992, em um artigo de Steve Tesich, roteirista e dramaturgo, sérvio-estadunidense, na revista americana *The Nation*, a respeito da Guerra do Golfo, que ocorreu entre os anos de 1990-1991 (Rothmayer, 2002, p. 01). Em 2016, o termo apareceu pela primeira vez no Dicionário Oxford, no contexto das eleições políticas nos Estados Unidos – mesmo ano em que o republicano Donald Trump disputou as eleições presidenciais americanas com a democrata Hillary Clinton. A campanha eleitoral de

II Daniel C. Dennett é um filósofo estadunidense, professor universitário e diretor do Centro de Estudos Cognitivos da Universidade Tufts. Suas áreas de interesse e pesquisa são: Filosofia Analítica, Filosofia da Mente e Filosofia da Biologia. *Vide* <https://ase.tufts.edu/cogstud/dennett/index.html>.

ambos foi marcada por diversos escândalos relacionados com a propagação de notícias falsas, ou seja, com a propagação de *fake news* (McIntyre, 2018, p. 2).

Por *fake news* compreendo a fabricação e a divulgação em massa de notícias falsas especialmente por meio da comunicação digital, com a finalidade precípua de manipulação social, para fins políticos e financeiros, na contemporaneidade. As *fake news* aumentam a fragilidade do consenso social do real, e assim do que é verdadeiro. O termo *pós-verdade* surgiu como uma reação à perda de uma realidade comum e com uma preocupação acerca do conceito de verdade. Em outras palavras, “A noção de pós-verdade nasceu de um sentimento de lamento por parte daqueles que se preocupam com o fato de que a verdade está sendo eclipsada. [...] os fatos e a verdade estão em perigo na arena política de hoje” (McIntyre, 2018, p. XIII).

Reitero que se espalhar notícias falsas com fins políticos não é um fenômeno novo, nem exclusivamente norte-americano, nem do meio digital. O próprio Brasil testemunhou^{III} – e tem testemunhado – fenômeno similar nas eleições de 2018, quando Jair Bolsonaro foi eleito, também, em meio a campanhas difamatórias, especialmente, articuladas e executadas por meios digitais contra seu adversário político. O uso das *fake news* como meio de manipulação da opinião pública foi tão intenso e organizado pela campanha bolsonarista que deu origem ao termo jurídico “milícias digitais”, cunhado no âmbito policial e judicial para se

III Antes da era digital, a título de exemplo nacional, podemos citar o conhecido “Plano Cohen”, que foi fabricado e divulgado pelo governo de Getúlio Vargas, a fim de ser usado como justificativa do golpe político de 1937, que culminou no chamado Estado Novo.

referir a esse tipo de estratégia de manipulação política e eleitoral^{IV}. Em um artigo online publicado^V, pela “Carta Capital”, Guilherme Boulos^{VI} (2020), sobre a relação entre as estratégias políticas de Trump e as de Bolsonaro, explica:

[...] A partir da base fornecida pela rede de extrema-direita internacional, desenvolveram técnicas de controle de narrativa. Cria-se um “fato”, não importa se é verdadeiro, e fazem um ataque sincronizado para o “fato” começar a circular nas redes. Usam sites de “jornalismo fake”, ao estilo do *Breitbart* nos EUA, para difundir uma notícia distorcida ou falsa. E criam mensagens personalizadas de Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp. Ao fim, usam os *bots* (robôs) e serviços de mensagem automática para ampliar o alcance. Funciona. Ganharam uma eleição desse modo e há um ano e meio governam com base nisso [...].

O que há de novo é o alcance e a efetividade que isso tem obtido a partir do meio e da comunicação digital. O fenômeno da pós-verdade vem na esteira dos fenômenos das *fake news*, na medida em que pode ser compreendido como a falta de consenso social do que é verdadeiro e do que é falso na realidade, intencionalmente causada para fins de manipulação política (McIntyre, 2018, p. XIV). As *fake news* e a pós-verdade são fenômenos imbricados, duas faces da mesma moeda. Se

IV *Vide* por exemplo o Inquérito policial n. 4874, que foi instaurado a partir de indícios e provas da existência de uma organização criminosa, com forte atuação digital (chamada de “milícias digitais”), que se articulava em diversos núcleos – político, de produção, de publicação e de financiamento –, com a finalidade de atentar contra a democracia e o Estado de Direito no país, por meio da fabricação de fatos que não existem e sua divulgação massiva em canais digitais, especialmente, pelo *whatsapp* e pelo *facebook*. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=490420&ori=1>. Também cito a ADPF n. 572 que discute os limites entre liberdade de expressão, censura e *fake news*. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=754371407>.

V Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinia0/a-origem-das-milicias-digitais>.

VI Guilherme Boulos, deputado federal do Brasil, desde 2023, afiliado ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade).

por um lado as *fake news* se referem à propagação de notícias falsas, a pós-verdade é um de seus efeitos, na medida em que se trata de uma descrença generalizada no que é verdade, e assim da realidade compartilhada. Segundo a definição do dicionário Oxford, a pós-verdade pode ser compreendida como “o que se relaciona ou o que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (McIntyre, 2018, p. 5).

Essa definição, no entanto, acrescenta mais um elemento nesta reflexão: o papel da emoção e da crença pessoal. Em outras palavras, ante a tantas versões da realidade aparentemente de mesma credibilidade, é necessário haver outro critério para a eleição no que acreditar. Se o *logos*, o discurso racional está saturado, ante ao imenso número de narrativas, passa-se para o critério do *pathos*.



(Shovel, Curso ‘Vaza, Falsiane’, reprodução)^{VII}

Esta definição coloca luz mais como sobre como a pós-verdade e as *fake news* operam do que sobre suas finalidades. Nesse sentido, se a noção de verdade tradicionalmente se relaciona a ideia de *logos*, isto é, a ideia

VII Retirada do site: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/internet-sob-o-dominio-da-pos-verdade>, acesso em 06 janeiro 2024.

de razão e entendimento, a noção de pós-verdade tem íntima relação com o *pathos*, em que a verdade é obtida partir da manipulação da reação emocional da audiência. Antes de continuar, contudo, é preciso tecer algumas considerações sobre o conceito de verdade na filosofia. O conceito clássico de verdade é o da verdade enquanto correspondência, formulação que se baseia fundamentalmente no pensamento aristotélico, para quem o discurso verdadeiro é aquele que diz o que é do que é.

Em outras palavras, a verdade enquanto correspondência é aquela que afirma a adequação entre o que dizemos e aquilo que se apresenta na realidade. Trata-se da correspondência entre o observado e o proferido. Já para Gadamer, a verdade tem caráter processual, na medida em que é resultado do constante círculo da hermenêutico (Gadamer, 2014, p. 354), qual seja, o movimento constante de atribuição de sentido. A necessidade de retificação revela a sua limitação histórica e a sua origem grega como *aletheia* (desvelamento, revelação) (Gadamer, 2014, p. 461 e p.486). Trocando em miúdos, Gadamer compreende a verdade como um momento epistemológico em que o sujeito compreende, enxerga algo de que desconhecia, de modo a adequá-lo ao seu conhecimento prévio. Assim, a verdade é compreendida enquanto revelação que, apesar de não negar a concepção clássica de verdade, coloca em relevo o momento de descoberta anterior à formulação do juízo, ao que é atribuído o valor de verdadeiro ou falso.

Para McIntyre (2018, pp. 7-8), existem algumas formas de corromper o acesso honesto à verdade, sendo as mais comuns : a) a mentira, que é intencional, tem destinatário definido e poder ter diversas causas e finalidades; b) o erro, situação de má compreensão da realidade causada de maneira não-intencional; c) a ignorância intencional, que se refere a tendência de a pessoa preferir acreditar e espalhar um fato, sem antes verificar a sua procedência; e d) autoengano e delírio, que seria a forma mais virulenta e comum de corrupção da verdade na contemporaneidade, em se tratando de *fake news*. Trata-se do autoengano pelo reforço de crenças pré-estabelecidas, ou seja, dos pré-conceitos.

Mas a parte complicada não é explicar a ignorância, a mentira, o cinismo, a indiferença, o giro político, ou

mesmo a ilusão. Vivemos com eles há séculos. Pelo contrário, *o que parece novo na era pós-verdade é um desafio não apenas à ideia de conhecer a realidade, mas à existência da própria realidade*. Quando um indivíduo está mal-informado ou equivocado, ele ou ela provavelmente pagará o preço; desejar que uma nova droga cure nossa doença cardíaca não fará com que isso aconteça. *Mas quando nossos líderes - ou uma grande parte de nossa sociedade - estão em negação sobre fatos básicos, as consequências podem ser devastadoras*" (McIntyre, 2018, p. 10, tradução livre, grifos meus).

O que está a existir é um círculo vicioso da compreensão, em que se tem dificuldade de se fazer a retificação dos projetos de significado, pela resistência à abertura hermenêutica ao que a alteridade tem a ensinar. Há o reforço dos pré-conceitos, sejam eles adequados ou não à realidade. Note-se que pré-conceitos são compreendidos aqui como juízos que nos norteiam, seja de maneira consciente, seja de maneira inconsciente, mas que deveriam estar abertos a serem retificados – se a realidade assim mostrar (Gadamer, 2014, pp. 358-360). Daí as dificuldades não só para a fusão de horizontes (Gadamer, 2014, p. 492), compreendida como o resultado da acareação honesta em busca da verdade, ante a duas posições conflitantes, como também para o desejável compartilhamento consensual de fatos básicos da realidade.

A polarização do Brasil a que presenciamos ao menos a partir das manifestações de 2013 e 2014 revela duas versões completamente diferentes das últimas décadas de história política brasileira. Os pressupostos comuns que deveriam ser o solo firme de qualquer debate democrático se tornaram areia movediça, em que até o fato mais óbvio é colocado em dúvida. Não dividimos mais um mesmo repertório comum nem sobre a nossa história nacional nem sobre o presente – crise do senso comum. Depreende-se disso que o que é pernicioso na ideia de pós-verdade se baseia fundamentalmente na postura epistemológica em que o sujeito só aceita e reconhece como verdadeiros os fatos que estão de acordo com suas crenças éticas e políticas já pré-estabelecidas, seus pré-conceitos. Não é mais a teoria que se adequa à realidade; mas

a percepção do que é a realidade é o que se adequa à teoria agora ideologia.

Negacionistas e outros ideólogos adotam rotineiramente um padrão obscenamente alto de dúvida em relação a fatos que não querem acreditar, ao lado de uma credulidade completa em relação a quaisquer fatos que se encaixem em sua agenda. O critério principal é o que favorece suas crenças preexistentes. [...] *Isto não é o abandono dos fatos, mas uma corrupção do processo pelo qual os fatos são reunidos de forma confiável e usados de forma confiável para moldar suas crenças sobre a realidade. De fato, a rejeição disto mina a ideia de que algumas coisas são verdadeiras independentemente de como nos sentimos a respeito delas [...]* (McIntyre, 2018, p. 11, tradução livre, grifos meus).

O trecho em destaque revela o potencial para se promover a falta de coesão do tecido social. A pós-verdade se apresenta como uma subordinação da verdade dos fatos aos pontos de vista políticos. A concepção clássica de verdade como adequação se atualizou: não se trata mais da adequação entre o que é dito e o que é percebido, mas a adequação entre o que é percebido e o que é crido ou querido. Sentimentos e valores têm pesado mais que fatos desde às reações mais triviais do dia a dia até as decisões políticas mais sérias.

Necessário notar que isso também não é exatamente novo: se pensarmos no instituto do tribunal do júri, por exemplo, vemos que este é um instituto em que há a rara autorização política e jurídica, para decidir a culpa ou a inocência de alguém com base não necessariamente no convencimento racional e nas provas dos autos, mas, especialmente, na manipulação dos pré-conceitos, na emoção, no carisma ou na dúvida que a defesa e o próprio acusado conseguem suscitar nos membros do júri. É perigoso ao estado de democrático de direito e aos direitos humanos qualquer decisão de cunho jurídico ou político com base em critérios não-rationais, motivo pelo qual institutos como o do tribunal do júri são extensivamente regulados.

Em outras palavras, todo o processo formativo de castração volitiva e de contenção de nosso substrato animal, por meio da cultura – tendo em mira o horizonte de um comportamento racional e humano, tem sido degradado e deformado. McIntyre (2018, p. 14) identifica as seguintes causas, cumulativas, para os fenômenos contemporâneos das *fake news* e, assim, da pós-verdade: 1) Negacionismo científico; 2) Viés cognitivo (*cognitive bias*); 3) O declínio da mídia tradicional; 4) O surgimento das mídias sociais^{VIII} (*social media*, a que eu tenho me referido até então como meio digital ou comunicação digital) e 5) As ciências humanas e o pós-modernismo. A partir de agora, passarei a examinar cada um desses pontos.

Causas do fenômeno das *fake news*

Negacionismo científico

A perda da qualidade nas disputas públicas, para o estabelecimento do consenso do que é considerado fato (e o que não é) já denuncia a primeira causa do fenômeno das *fake news* e, assim, da pós-verdade, na

VIII Esclareço que apesar de os termos “mídias sociais” e “redes sociais” serem usados habitualmente como intercambiáveis e, apesar de os limites entre eles estarem cada vez menos nítidos, eu optei por usar o termo “mídia social”, porque se mostra mais abrangente que o termo “redes sociais”. Toda “rede social” é uma “mídia social”, mas nem toda “mídia social” é uma rede social. Enquanto “redes sociais” se referem ao conjunto de aplicativos, plataformas e sites que promovem a conexão e a interação entre pessoas (por exemplo, *Facebook*), “mídias sociais” se referem ao conjunto de aplicativos, plataformas e sites que promovem a divulgação de conteúdo, de maneira a contar interatividades entre os usuários e o conteúdo (por exemplo, *YouTube*, portais *online* de notícias, etc). A linha entre ambos está cada vez mais tênue na medida em que tanto as redes sociais convergem para serem usadas como fontes de conteúdo, como as mídias sociais convergem para ter a opção de interatividade entre usuários. Nesse sentido, *vide*, por exemplo o artigo de 2017, p. 464, de Bastos e outros (referência completa na bibliografia) ou, mais recentemente, este artigo de 2024, “*What is social media?*” do jornal *The Economics Times*, disponível em: <https://economictimes.indiatimes.com/definition/social-media>.

contemporaneidade: o negacionismo científico. Se antes se tratava de disputas entre teorias científicas, agora as teorias científicas disputam audiência e credibilidade com vídeos amadores, publicados em algum canal do *YouTube* (McIntyre, 2018, p. 14). A aceitação da ciência nunca foi completamente hegemônica, tendo enfrentado diversas suspeitas desde seu nascimento, na transição da Idade Média, para a Idade Moderna, momento em que vários dos nomes mais notáveis da ciência foram parar em tribunais da inquisição, como é de conhecimento comum. Assim, ainda que o negacionismo científico não seja um fenômeno novo, a sua forma contemporânea revela uma maior intensidade no questionamento do monopólio pela verdade do discurso científico. “Outrora respeitados pela autoridade de seu método, os resultados científicos são agora abertamente questionados por legiões de não especialistas que não concordam com eles” (McIntyre, 2018, p. 17).

Os argumentos mais utilizados pelos negacionistas giram em torno da falta de imparcialidade e de neutralidade dos cientistas e das instituições públicas e privadas, que financiam as pesquisas (McIntyre, 2018, p. 18). Para o autor, trata-se de uma tentativa cínica de desacreditar a ideia de que a ciência é justa, ao criar a dúvida sobre a parcialidade das descobertas científicas (McIntyre, 2018, pp. 18-19). Afinal, se as pesquisas científicas podem ter objetivos escusos, também podem os seus críticos. Não há lugar neutro na cultura: não é possível nem aos cientistas nem à ciência escaparem ao seu condicionamento histórico – ainda que se reconheça a objetividade, a função e a eficiência do método científico.

O que, às vezes, pode ser difícil de admitir é o fato de que os negacionistas da ciência têm um ponto legítimo quando alegam a falta de neutralidade dos cientistas e da agenda da ciência, que depende de financiamentos públicos e privados para se desenvolver. Ao mesmo tempo, também se deve reconhecer que eles mesmos não estão em lugar epistemológico privilegiado, isto é, não são os bastiões da neutralidade, porque ela simplesmente é uma posição epistemológica que existe apenas como horizonte ou, no máximo, como ilusão racionalista.

O condicionamento histórico é presente em todos os sujeitos e discursos, e isso não significa admitir a irrealidade e a volatilidade de fatos. A suspeita, não em relação à eficácia do método científico, mas em relação às motivações e às finalidades do desenvolvimento científico deve ser feita por seus críticos e suportada e rebatida pela ciência. Especialmente depois do caso emblemático da indústria do tabaco norte-americana, é de conhecimento comum que muitas pesquisas são financiadas para achar determinado resultado, por meio da manipulação metodológica, ou para se criar a controvérsia acerca da questão.

[...] O objetivo aqui é uma tentativa cínica de subestimar a ideia de que *a ciência é imparcial* e levantar dúvidas de que qualquer investigação empírica pode realmente ser neutra em termos de valor. Uma vez que isto tenha sido estabelecido, parece um pequeno passo para fazer valer a consideração de “outras” teorias. Afinal, se alguém suspeita que toda a ciência é tendenciosa, pode não parecer tão grave considerar uma teoria que pode ser manchada por suas próprias crenças ideológicas (McIntyre, 2018, p. 19).

Mais uma vez, não se pode dizer que a ciência é neutra ou imparcial. As motivações e as finalidades de uma pesquisa científica podem sim ser questionadas. O que é de fato objetivo, controlável e eficaz é o método científico. Não se pode confundir ciência com método científico. O desenvolvimento da ciência pressupõe o erro e a constante validação de seus resultados, motivo pelo qual a verdade da ciência moderna está sempre em xeque. O modo de ser da ciência é o de constante dúvida sobre seus resultados e, até mesmo, sobre seus paradigmas, conforme o pensamento dos filósofos da ciência Popper e Kuhn^{IX}. A partir do momento em que há certezas na ciência, esse fragmento de conhecimento deixa de pertencer ao corpo do conhecimento científico para fazer parte do conhecimento dogmático. A ciência se move e evolui por meio do reconhecimento de seus erros e investigação de suas incertezas.

IX *Vide* as referências bibliográficas.

Nesse sentido, “[...] por melhores que sejam as provas, uma teoria científica nunca pode ser comprovada como verdadeira. Por mais rigorosamente que tenha sido testada, toda teoria é ‘apenas uma teoria’” (McIntyre, 2018, p. 19). Para os negacionistas, o reconhecimento e a produtividade do erro da ciência moderna, assim como a sua necessidade de constante verificação são motivos para a falta de credibilidade do discurso científico. A existência da dúvida como princípio e a possibilidade de eventual falseabilidade teórica não descredita a confiança dos achados da ciência no presente, porque trata-se de uma crença forte, isto é, embasada racionalmente, nas condições históricas possíveis.

Devido à forma como as evidências científicas são reunidas, é sempre teoricamente possível que alguns dados futuros possam vir e refutar uma teoria [...]. Isto não significa que as teorias científicas sejam injustificadas ou indignas de crença. Mas significa que em algum momento os cientistas devem admitir que mesmo suas explicações mais fortes não podem ser oferecidas como verdade, mas apenas uma crença [...].” (McIntyre, 2018, pp. 18-20, tradução livre).

O emblemático caso da indústria do tabaco, já mencionado anteriormente, serve tanto para embasar a suspeita em relação ao discurso científico, como também para mostrar como parcela da sociedade se vale do modo de ser da ciência para alavancar suas próprias agendas políticas. Para quem não se recorda, em poucas palavras, os líderes da indústria do tabaco nos Estados Unidos atuaram ativamente para plantar a dúvida sobre a correlação direta entre o consumo de cigarros e os malefícios para a saúde. Como? Manufaturando a dúvida, isto é, financiando estudos científicos que já tinham como objetivo prévio achar resultados que mostrassem que essa correlação era incerta. Este é um exemplo que corrobora a postura cética de alguns negacionistas, ao mesmo tempo que mostra uma forma de deslegitimar a credibilidade do discurso científico. “A dúvida é o nosso produto” (McIntyre, 2018, p. 21).

O Comitê de Pesquisa da Indústria do Tabaco foi criado para lançar dúvidas sobre o consenso científico de que fumar cigarros causa câncer, para convencer a mí-

dia de que havia dois lados na história sobre os riscos do tabaco e que cada lado deveria ser considerado com o mesmo peso. Finalmente, ele procurou afastar os políticos de prejudicar os interesses econômicos da indústria do tabaco (Rabin-Havt, 2016, pp. 26-27, tradução livre).

A fabricação de dúvida (“dúvida manufaturada”) com respaldo científico, por meio do financiamento de pesquisas sob medida ficou conhecida como “*tobacco strategy*”, que é um uso cínico da dúvida (McIntyre, 2018, p. 25). A implantação da dúvida serve para confundir o público de maneira que a verdade mais plausível se perde ante a tantas possibilidades e teorias divergentes. Aliás, o fato de os meios de comunicação serem treinados para parecer imparciais e objetivos os levou a sempre tender a apresentar “os dois lados da história”, como se eles tivessem o mesmo peso e credibilidade. Isso tem sido chamado de “falsa equivalência” e é um dos principais mecanismos para o estabelecimento da confusão entre o que é digno de ser considerado verdade e o que não é (McIntyre, 2018, p. 33). Se a razão e a ciência deixam de ser critérios, filtros para a eleição no que acreditar como sendo realidade, tendo em vista o pressuposto de que todos os discursos científicos podem ter ou não o mesmo peso, fica mais fácil o caminho para o convencimento por meio do reforço das tendências e dos preconceitos pré-estabelecidos dos interlocutores – o viés cognitivo.

Viés cognitivo (“Cognitive bias”)

Esta é a segunda causa para o fenômeno das *fake news* e, assim, da pós-verdade (McIntyre, 2018, p. 35), cujos gatilhos são mobilizados facilmente na comunicação digital. O viés cognitivo se refere a um conjunto de achados científicos em psicologia social^X que mostram que nem sempre (quase nunca na verdade) nossos comportamentos e crenças são racionalmente motivados e que, por vezes, ignoramos a razão na tomada

X São exemplos mais clássicos dessa área a pesquisa de Leon Festinger, de 1957, “*A theory of cognitive dissonance*”; a pesquisa de Solomon Asch, de 1955, “*Opinion and social pressure*”, dentre outros.

de decisões. A comunicação digital e as estratégias de engajamento nas mídias e nas redes sociais se valem da exploração desses mecanismos biopsicológicos inatos ao modo humano de compreender.

As implicações da identificação de nossas tendências cognitivas nos mostram a predisposição biopsicológica para sermos manipulados emocional e inconscientemente. A reiteração da pretensa veracidade de ideias e valores de determinado grupo é a premissa necessária para outro conceito relevante para a discussão: a câmara de eco^{XI} (“*echo chamber*”). Isso também nos mostra como é fácil perdermos da razão quando estamos completamente imersos em nossa comunidade de iguais, tendo em vista que os algoritmos usados nas redes sociais tendem a nos aproximar de conteúdos e pessoas que se adequem ao nosso perfil^{XII}. O que se parece ignorar é que o contato com a alteridade é fundamental para que estejamos em contato com uma possibilidade de compreensão para além de nosso horizonte, necessariamente limitado.

A exposição à diferença é um fator decisivo para o desenvolvimento de nossas faculdades cognitivas. Em *Infotopia*, Cass Sustein^{XIII} mostrou empiricamente que indivíduos quando em grupo e, assim, expostos à

XI Fenômeno reconhecido contemporaneamente e associado ao das *fake news*, que sucintamente pode ser compreendido como o fato de que as pessoas com tendências parecidas tendem a se empoderar ainda mais de suas crenças a partir da convivência digital com pessoas com tendências similares. Trata-se do reforço do pré-conceito, de maneira que há a aparência de que determinada posição ou crença tem muito mais adeptos ou relevância do que de fato ela tem.

XII Atualmente é fato reconhecido que os algoritmos têm papel essencial na seleção de conteúdos a serem mostrados para cada um dos perfis de usuários. A ideia é a de que os algoritmos atuam como filtros, de maneira a criar uma experiência no ambiente digital própria para cada pessoa, cujo perfil de interesses e de tendências são constantemente formado, monitorado e atualizado. Para maior aprofundamento no tema, recomendo especialmente: “*The battle for your brain*”, de Nita A. Farahany e “*The Filter Bubble: How the New Personalized Web Is Changing What We Read and How We Think*”, de Eli Pariser, referências completas na bibliografia.

XIII Cass R. Sunstein é atualmente o professor universitário em Harvard. Ele é o fundador e diretor do Programa de Economia Comportamental e Políticas Públicas da Faculdade de Direito de Harvard. Em 2018, ele recebeu o Prêmio Holberg do governo da Noruega, às vezes descrito como o equivalente ao Prêmio Nobel de Direito e Ciências Humanas. *Vide*: <https://hls.harvard.edu/faculty/cass-r-sunstein/>.

diversidade, tendem a alcançar resultados melhores na resolução de situações-problema que se estivesse agindo sozinhos, em determinadas circunstâncias. Em geral a performance do grupo é melhor que a performance da soma das partes, o que foi chamado de *efeito da interação em grupo* (“*interactive group effect*”) (McIntyre, 2018, p. 59). Por quê? Para uma resposta filosófica, por exemplo, poderíamos dizer que, de acordo com a perspectiva de Gadamer (2014, p. 358) isso ocorre porque a interação com a alteridade aumenta a quantidade de revisão e, portanto, de correção de nossos projetos de compreensão, pressupostos e hipóteses. “Como resultado, os pesquisadores descobriram que em um número significativo de casos um grupo poderia resolver o problema mesmo quando nenhum de seus membros sozinho o poderia fazer. Para Susteim, esta é a chave: “os grupos superam os indivíduos” (McIntyre, 2018, p. 59).

Em contrapartida, a comunicação digital tende a nos distanciar da alteridade e a nos aproximar da mesmidade, seja pela sugestão dos algoritmos seja por decisão própria ao simplesmente excluir ou bloquear conteúdo e pessoas com que não queremos qualquer interação. Essas possibilidades de interação e de exposição das mídias digitais, características do contínuo desenvolvimento e entranhamento dessas mídias, se relacionam com o declínio da mídia tradicional. A televisão, o rádio e o jornal têm perdido seus consumidores. Contudo, as perdas não se restringem apenas ao aspecto quantitativo: no aspecto qualitativo, em muitos pontos, a credibilidade dos conteúdos entre essas duas formas de mídias (tradicional e digital) já não está tão claro.

O declínio da mídia tradicional

O declínio da mídia tradicional é considerado a terceira causa do fenômeno da pós-verdade e das *fake news*. Não se pretende aqui fazer uma historiografia documentada sobre essa complexa temática: pretendo apenas pontuar alguns pontos pertinentes à reflexão aqui proposta, porque são uma forma de auxiliar na compreensão e no alcance dos impactos da comunicação digital, da forma que conhecemos. A história da televisão americana aponta a tendência geral de que, a partir dos

anos 80 da década passada, alguns canais começaram a perceber que o que dava audiência eram os programas que estabeleciam um senso de comunidade, isto é, que reforçavam certos valores e crenças, de determinados seguimentos da população (McIntyre, 2018, p. 71).

Outro ponto foi a questão da sátira política na televisão, que tem como objetivo ridicularizar a realidade, de forma a ressaltar os aspectos absurdos do real. Sátira não deveria ser confundida tão facilmente com as *fake news* – que tem por objetivo a manipulação da opinião pública, por meio da criação e da disseminação de fatos e informações deliberadamente falsas. Apesar de a sátira e as *fake news* terem objetivos distintos, ambas produzem o mesmo resultado: tornam a política em uma piada de mau-gosto e a realidade em uma constante dúvida. “Se alguém aceita a sátira como real, o ponto estaria perdido. [...] A intenção da sátira não é enganar, mas ridicularizar.” (McIntyre, 2018, p. 74). No caso do Brasil contemporâneo, essa reflexão é pertinente ao lembrarmos que a origem da expansão midiática de Jair Bolsonaro surgiu não apenas em programas de televisão tendenciosos, como também nos programas de humor e de sátira política. Refiro-me aqui ao “CQC – Custe o que custar”. No caso brasileiro, também a sátira política serviu para tornar popular a figura pública de Jair Bolsonaro, que num futuro próximo viria a se tornar presidente da República (Nascimento *et al*, 2018, p. 157). Para aliviar o peso e o fardo colocado no humor, se pode fazer a seguinte pergunta: onde está a responsabilidade advinda da capacidade de discernimento e da inteligência das pessoas? Não caberia inteiramente a cada um a responsabilidade de ter acreditado ou não em *fake news*? (McIntyre, 2018, p. 74). Parte dessa resposta certamente passa pelo viés cognitivo, como já foi visto anteriormente.

Voltando à decadência do jornalismo televisivo e a sua sobrevida com programas tendenciosos é necessário apontar, ainda dois fenômenos correlatos a essa temática: a) o da falsa equivalência das fontes e b) o estímulo à controvérsia, decorrentes das tentativas de manter a aparência de neutralidade e de objetividade, impostos pela expectativa acerca do que seja jornalismo. Em outras palavras, na tentativa de ostentarem uma pretensa neutralidade e, assim, adquirir credibilidade publicamente, o jornalismo apostou na ideia de “ouvir o outro lado da história”, de

forma a criar, por vezes, uma falsa equivalência entre as fontes da informação, que já mencionei de maneira breve, anteriormente:

O mantra da objetividade se refletiu em uma determinação de proporcionar “tempo igual” e de refletir para “contar os dois lados da história” mesmo em questões factuais [...]. Provou ser um desastre para a cobertura científica. Ao permitir a igualdade de tempo, a mídia só conseguiu criar uma falsa equivalência entre os lados de uma questão, quando não havia realmente lados críveis (McIntyre, 2018, p. 77, tradução livre, grifos meus).

Da falsa equivalência se gera a controvérsia, mesmo que o assunto não seja controverso e haja consenso científico sobre o tema. “A mídia prefere a controvérsia à verdade, porque é o que dá lucro” (McIntyre, 2018, p. 82). A constante controvérsia especialmente sobre temas de interesse público gera uma sociedade que não consegue estabelecer consenso sobre pressupostos factuais mínimos de realidade. Estamos na pós-verdade. Além do discurso e do formato das mídias tradicionais estarem cada vez mais próximos do formato das estratégias das mídias digitais, se pode dizer que a decadência dos meios tradicionais de comunicação e de informação é inversamente proporcional à ascensão da comunicação digital e, em especial, das mídias sociais como fonte de informação e de comunicação.

O surgimento das mídias sociais digitais (social media) como fonte de informação

“Não é de surpreender que o declínio da mídia tradicional tenha sido, em grande parte, resultado da Internet” (McIntyre, 2018, p. 89). A mudança no meio de comunicação não significa apenas uma mudança na fonte, mas, sobretudo, na forma de absorção e de apresentação do conteúdo. De maneira a se coadunar com a tendência das mídias tradicionais em ganhar audiência por meio da criação de controvérsias e programas mais opinativos e tendenciosos que pretensamente neutros e objetivos, o consumo de informações por meio das redes sociais tem

gerado o fenômeno dos *silos de informação*^{XIV} (McIntyre, 2018, pp. 94-95), que fomentam a polarização, a fragmentação e a utilização da internet como mera câmara de eco.

Outro ponto a ser considerado é a quantidade de informação a ser conferida e verificada. As redes sociais como fonte de informação ou, melhor dizendo, de conteúdo, permite a todos serem emissores e consumidores de conteúdos. Se o trabalho de verificação da realidade e da veracidade dos fatos se restringia a determinadas fontes, atualmente é humanamente impossível controlar, consumir e verificar todos os conteúdos publicados no ambiente digital. Essa quantidade de conteúdo fomenta a exploração do viés cognitivo, a ignorância dos usuários que não sabem usar a internet de maneira crítica, além de fomento da dúvida manufaturada, na medida que é fácil achar referências para basicamente qualquer ponto de vista. E se não existir qualquer referência ao tema, não há problema: você mesmo pode criá-la.

Reitero que nem os *silos* nem as *fake news* não são fenômenos novos e ocorrem com demais meios de comunicação. A especificidade da comunicação digital e dos silos da internet são a sua predisposição à uma mentalidade de silo, em razão da possibilidade de sua interatividade entre os usuários entre si e entre os usuários o silo. Essa interatividade é intensa tanto em relação às possibilidades de conexão, como também pelo fato de a comunicação ocorrer de maneira instantânea com mais de uma pessoa simultaneamente. Os silos são potenciais fontes de *fake news*, que também não são exatamente um fenômeno novo – a novidade está em acontecerem no meio digital. Apesar de existir expectativas acerca do senso crítico e do ânimo à persecução da verdade pelo sujeito epistêmico (McIntyre, 2018, p. 98), fato é que as pessoas são preguiçosas ou estão muito ocupadas ou simplesmente confiam na fonte da informação. “Tecnologia tem tido um papel na ascensão e difusão da *fake news*, para além de ser seu meio mais usual, atualmente: a internet nos deixou preguiçosos” (McIntyre, 2018, p. 104, tradução livre). Além

XIV Se refere a *sites*, páginas e comunidades em redes sociais, *blogs* em que se publicam e se alimentam de apenas um ponto de vista, de maneira a rejeitar qualquer crítica ou posição diversa. É um ótimo exemplo de como a comunicação digital se vale da mobilização de nossos vieses cognitivos.

disso, tendo em vista os vieses cognitivos, também somos facilmente enganados, como alguns casos famosos de *fake news* mostram, mesmo antes da existência da internet. Eu pessoalmente gosto do caso de 30 de outubro de 1938, em que a rede de rádio CBS causou pânico na costa leste americana, ao anunciar uma suposta invasão marciana, que nada mais era que a teledramatização de parte do livro *A guerra dos mundos*, de Hebert George Wells^{XV}.

A existência e permanência da manipulação de informação e, assim, do que é considerado real em todas as formas de comunicação denunciam o aspecto político desses fenômenos. “Se olharmos para trás na história, perceberemos que os ricos e os poderosos sempre tiveram interesse e, geralmente, os meios para fazer com que as ‘pessoas menos abastadas’ pensassem o que eles queriam” (McIntyre, 2018, p. 102). Em outras palavras, quem tem poder tem os meios de criar a realidade. Ainda que inicialmente a internet e a quebra do monopólio dos meios tradicionais de comunicação tenham sido algo positivo (e ainda são), por permitir o direito à voz e à visibilidade das pessoas, e por permitir a democratização em se ser não apenas consumidor, mas também produtor de conteúdo, no cenário atual fica claro que essa liberdade tem sido usada para fins de manipulação política, por meio da manipulação da percepção da realidade.

Ainda que já tenha delineado o conceito de *fake news*, ainda, gostaria de fazer três considerações sobre este tema. As *fake news* são notícias deliberadamente falsas (McIntyre, 2018, p. 105), que podem ser usadas diretamente para manipulação política, como já vimos, mas também para ganhos econômicos. Muitas pessoas que criaram canais para fabricar e espalhar *fake news* o fizeram com o objetivo de lucrar em cima da monetização associada ao número de visualizações do conteúdo e/ou dos acessos. Gostaria, então, de fazer a ressalva que apesar de as *fake news* serem usadas eminentemente para manipulação política da opinião pública, existem outros usos menores – ainda que possam gerar tanto dano quanto.

XV Há diversas matérias a respeito. Vide para mais detalhes, por exemplo, esta matéria do jornal alemão DW: <https://www.dw.com/pt-br/1938-p%C3%A2nico-ap%C3%B3s-transmiss%C3%A3o-de-guerra-dos-mundos/a-956037>.

Uma segunda questão que se pode levantar é até que ponto o processo de identificação de *fake news* e de sua divulgação enquanto tal pode ser considerado como uma forma de se potencializar ainda mais o alcance de determinada *fake news* (McIntyre, 2018, p. 112). Essa é uma questão levantada por McIntyre e para a qual eu também não tenho resposta. Na guerra de narrativas que vivemos no ambiente digital apontar que uma notícia é falsa pode causar o aumento do poder de alcance e da intensificação de sua crença.

A confusão da população acerca do estabelecimento de um horizonte mínimo comum de fatos e eventos nos coloca em direção aos regimes autoritários (McIntyre, 2018, p. 114). Esta é a constatação e a preocupação de muitos pesquisadores do tema, como Timothy Snyder^{XVI} que defende, em sua obra *On tyranni (Sobre a tirania)*, a ideia de que a pós-verdade seria o pré-facismo. Seja como for, o ambiente e a comunicação digital fomentam uma cultura que favorece e incentiva não apenas a fabricação e a divulgação de *fake news*, mas também o fenômeno da pós-verdade, como um todo (McIntyre, 2018, p. 122). Agora, passamos à quinta causa e a que mais nos interessa na presente discussão – motivo pelo qual está em um tópico a parte.

Ciências humanas e pós-modernidade: a dissolução teórica da verdade

Além do negacionismo científico, do *cognitive bias*, da decadência dos meios tradicionais de comunicação e da ascensão da comunicação digital, um quinto elemento pode ser apontado como fomentador do fenômeno da pós-verdade e da eclosão das *fake news*: a pós-modernidade ou o pós-modernismo (McIntyre, 2018, pp. 123-124). Apesar de o termo

XVI Timothy Snyder é Richard C. Levin, Professor de História na Universidade de Yale e membro permanente do Instituto de Ciências Humanas de Viena. Vide: <https://timothysnyder.org/bio>.

ser de difícil definição por abranger muitas correntes de pensamento em diversas áreas do conhecimento nas ciências humanas, se pode dizer que o termo surgiu nos anos 80 do século XX e é atribuído a Jean François Lyotard, da Teoria Literária, com a obra “A condição pós-moderna”^{XVII}, de 1979. Na filosofia também há nomes emblemáticos, para o movimento, como Michel Foucault e Jacques Derrida. Tendo em vista a conhecida relação entre Gadamer e Derrida, por meio do famoso debate público, que ocorreu em Paris, em abril de 1981, entre ambos, os parágrafos a seguir mostram o que aconteceu e as ideias que daí emergiram e que colocam em jogo, em última análise a questão da compreensão da verdade, do relativismo e da pós-verdade.

Para quem não está familiarizado, adianto que o debate foi um fracasso, tendo Derrida basicamente se recusado ao diálogo, a fim de mostrar performaticamente seu ponto de vista: o diálogo e a persecução da verdade não podem ser pressupostos. O mesmo Derrida que depois chora ostensivamente a morte de Gadamer, anos mais tarde (Grondin, 2012, pp. 117-119). Enquanto considero Gadamer um representante do dogmatismo epistemológico (isto é, detentor da postura em que a verdade não apenas existe, como pode ser conhecida), Derrida se mostra como um exemplo de relativista da pós-modernidade e um dos pensamentos que fomentam a pós-verdade, compreendida agora como um estado constante de guerra entre narrativas. Na pós-modernidade as *fake news* são a etiqueta do discurso perdedor.

XVII A parte mais relevante para a presente discussão desta obra são os dois primeiros capítulos da referida obra em que Lyotard apresenta o plano de sua investigação acerca da mudança do estatuto da ciência e do conhecimento, numa sociedade cada vez mais marcada pela técnica e pela cibernética, chamada por ele de “era do computador”. Para Lyotard as metanarrativas da ciência como as detentoras do monopólio da verdade estão em xeque, na medida em que os meios de comunicação e de informação se tornam cada vez mais fragmentados e descontrolados. O relativismo atribuído a Lyotard vem especialmente a partir da noção de metanarrativas, isto é, narrativas que determinada instituição, no caso a ciência, estabelece acerca de si própria. Nesse sentido, Lyotard mostra uma compreensão de mundo em que somos regidos por metanarrativas que estão se reconfigurando pela eclosão da comunicação digital.

O encontro entre Gadamer e Derrida foi um encontro entre uma *hermenêutica da confiança* e outra *da suspeita*^{XVIII}, que se tornou interessante não apenas pelo fato de que ambos os autores tinham o pensamento heideggeriano como origem comum, como também pelo desenrolar desse encontro. “[...] como Gadamer, Derrida também partira do programa “hermenêutico” de Heidegger em *Ser e Tempo*, mas sobretudo tendo retido o caráter “destruidor”, ou seja, sua intenção de pôr a descoberto os pressupostos metafísicos da tradição ocidental (Grondin, 2012, p. 113).

O pensamento acerca da ideia de desconstrução, em Derrida, pode ser localizado em duas de suas principais obras *A escritura e a diferença* e *Gramatologia*, e mobiliza aspectos dos pensamentos de Heidegger, Nietzsche e Lévinas, além das perspectivas da linguística e do estruturalismo francês. Em relação a Heidegger, Derrida retoma a crítica acerca da história da metafísica, que seria regida por uma determinação do ser como presença seja sob o signo de essência, existência, substância, sujeito, Deus, etc. O ser como presença tentou ser apreendido por meio da linguagem, o que gerou sua redução e a perda da referência ao ser.

Este foi o momento em que a linguagem invadiu a problemática da universalidade, foi então o momento quando, na ausência de centro ou de origem, tudo se tornou provido pelo discurso, nós podemos concordar nisso, isto é, no sistema no qual o significado central, originário ou transcendental, nunca está absolutamente presente fora de um *sistema de diferenças* (Derrida, 2001, pp. 353-354, tradução livre, grifos meus).

XVIII Esta divisão remete ao pensamento hermenêutico de Paul Ricoeur (Grondin, 2012, pp. 100-101), para quem as tendências hermenêuticas podem ser divididas em dois grandes grupos: a) a hermenêutica da confiança, que seria aquela que busca o conhecimento e para a qual é possível a compreensão da verdade, de forma a abrir as possibilidades para a experiência significativa, para o sentido e para o entendimento; b) hermenêutica da suspeita, que desconfia do sentido e de sua origem, de suas intenções. São os “mestres da suspeita” para Ricoeur: Feuerbach, Marx, Nietzsche, Freud e os autores do estruturalismo.

Por “diferença”, Derrida compreende a possibilidade de diversas interpretações, isto é, a diferença entre o ser e o que se diz do ser, o que pode ser feito de muitas formas. Isso quer dizer que a presença estaria inscrita e reduzida sempre na distorção do que é dito. O “sentido” permanece, portanto, diferido para sempre, isto é, diferenciado do ser que tenta exprimir. Para Derrida, Gadamer pecaria ao permanecer dentro de uma concepção *logocentrista*, motivo pelo qual o pensamento de Nietzsche teria ido mais a fundo na crítica à metafísica da presença, quando em comparação com o de Heidegger.

Exatamente no ponto de interpretação de Nietzsche, porém, a minha própria convicção é a de que Heidegger, esse grande mestre das interpretações violentas, apresentou uma interpretação extraordinariamente profunda e ao mesmo tempo apropriada. Assim, aos olhos de Derrida, continuei apoiando por assim dizer o que há de pior em Heidegger. Esse pior elemento chama-se em Derrida “logocentrismo”. Já a palavra que Derrida empregou com isso para Heidegger causa estranhamento. Precisamos conceder, contudo, que a crítica à lógica enunciativa e ao seu equivalente ontológico já tinha sido exercida de maneira totalmente inequívoca em *Ser e Tempo* (Gadamer, 2009, p. 137).

Segundo a filosofia hermenêutica, a teoria de Heidegger sobre a superação da metafísica que desemboca do esquecimento total do ser durante a era tecnológica, passa ao largo da permanente resistência e tenacidade das unidades da vida, que continuam existindo nos pequenos e grandes grupos de coexistência inter-humana. Segundo o desconstrutivismo, ao contrário, quando Heidegger pergunta pelo sentido do ser, falta-lhe radicalidade extrema. Com isso, ele se atém a um sentido interrogativo que, de certo modo, não pode obter nenhuma resposta razoável. À pergunta pelo sentido do ser Derrida opõe a diferença primária. Ele considera Nietzsche como uma figura muito mais radical frente à pretensão metafisicamente mediana do pensamento heideggeriano, Heidegger estaria ainda situado na linha do logocentrismo, ao que ele contrapõe o lema do sen-

tido que está em constante desconexão e deslocamento que desfaz toda reunião em unidade e que ele chama de *écriture* (Gadamer, 2011, p. 368).

Por *sistema* Derrida faz referência a perspectiva estruturalista, pela qual começa o texto (“Estrutura, Signo e Jogo”) a que pertence a citação a partir do conceito de estrutura que, na arquitetura do pensamento ocidental teria a presença como um centro que nunca está presente e que é dissolvida pela linguagem e pela pluralidade de interpretações. “Beneficiando-se, nesse sentido, de uma formação estruturalista, Derrida aplica essa intuição à compreensão dos signos, o que o leva a questionar a concepção qualificada de “metafísica” do sentido e da própria verdade” (Grondin, 2012, p. 114).

Ademais, para pensar a relação entre linguagem, signo e significado, Derrida remete à linguística de Ferdinand de Saussure, cuja noção de sentido se exprime mediante o par signo (significante)-significado. O signo remeteria a uma “presença significada” pelo viés da diferença, que cuja apreensão plena do ser nos escaparia porque só poderíamos fazê-lo na ordem da linguagem, o que é limitante (Grondin, 2012, p. 113). Sobre este ponto Gadamer tece o seguinte contraponto, a fim de libertar o conceito de palavra, de sua acepção instrumental:

Ele [Derrida] parece-me aqui demasiadamente dependente do conceito de sinal/signo que representa o ponto de partida inquestionado tanto em Husserl, quanto de Saussure [...], tal como acontece aliás já há muito tempo na tradição da semântica e da semiótica. [...]. Tal como eu mesmo o tentei, parece-me necessário liberar o conceito de palavra de seu sentido gramatical. A palavra é aquilo que diz algo, para além da diferenciação entre frases, elementos frasais, palavras, sílabas, etc. (Gadamer, 2009, p. 148).

Em outras palavras e mais bem explicado em *Verdade e Método*, se para Gadamer, a linguagem se constitui como um acesso privilegiado ao ser, para Derrida, a linguagem é compreendida como limitação. “Enquanto para Gadamer e Heidegger é o ser que a linguagem traz à fala, o ‘ser’

para Derrida não será mais que um efeito da *différance*, visto que [o ser] permaneceria inatingível fora dos signos que o exprimem” (Grondin, 2012, p. 114). Daí a ideia do pensamento de Derrida de que não existiria nada fora do texto (1973, p. 194). Para Gadamer e Grondin, a desconstrução dos pressupostos da presença na arquitetura da metafísica ocidental por meio de uma crítica logocêntrica poderia ser criticada por ser uma forma de recaída ao nominalismo do pensamento moderno, que reduz a linguagem a seu aspecto instrumental: a um sistema de regras e signos. “Nesse sentido, o próprio Derrida seria vítima de uma ‘metafísica da presença’, no caso, da presença dos próprios signos” (Grondin, 2012, p. 115). É justamente contra essa compreensão da linguagem que Gadamer tem em mira pensa a linguagem como diálogo vivo entre as pessoas. Para Gadamer a linguagem vive no solo da vida e do mundo, de maneira que é mais que um sistema técnico para a compreensão. Para Derrida, contudo, a ideia de diferença, isto é, a distorção entre o ser e o que é dito do ser revelaria, assim, um espelho de que profere o dito: veríamos sempre a nós mesmos na diferença (Grondin, 2012, p. 115).

Ilustrativamente, ao se pensar no mito da caverna de Platão, Gadamer é aquele que crê na possibilidade da saída da caverna e a visão da luz, metáfora para verdade. Já Derrida é aquele que crê na impossibilidade da saída da caverna, o que o leva a admitir a realidade e necessária convivência entre as diversas sombras sobrepostas nas paredes da caverna. Enquanto Gadamer busca a unidade na multiplicidade, Derrida não admite a possibilidade da unidade e tem de lidar a multiplicidade, a partir da multiplicidade: o estado da pós-verdade. Para Gadamer, as *fake news* são uma degradação do senso de comunidade, pernicioso a democracia e à postura hermenêutica de uma busca honesta pela verdade, o que se dá por meio do diálogo, e da lida com a alteridade. Já as teses céticas ou relativistas da pós-modernidade são uma consequência da própria modernidade, que fomenta o fenômeno das *fake news*. Para Derrida, as *fake news* são epistemologicamente legítimas porque a verdade já não importa: não temos acesso a ela, em qualquer caso. Todas as narrativas seriam distorções da verdade e do real, então o critério passa a ser a disputa de poder subjacentes a elas. A verdade para a pós-modernidade é um adereço, uma maquiagem que esconde o confronto dos vetores

sociais de poder. Assim, o que existem são narrativas e que nenhuma tem lastro confiável na realidade; e qualquer tentativa de diálogo e de convencimento seria uma forma de violência à alteridade. Vamos deixar cada um ter a sua realidade própria e bater palma para uma sociedade esquizofrênica.

A objeção de Derrida tem em vista, então, o fato de a compreensão sempre se tornar uma vez mais apropriação e sempre incluir, com isso, um encobrimento da alteridade [...]. No entanto, o pressuposto de uma tal identificação que acontece na compreensão parece-me revelar, em verdade, uma posição idealista, logocentrista, da qual nós já tínhamos cindido depois da Primeira Guerra Mundial, na retomada e na crítica ao idealismo [...] (Gadamer, 2009, p. 142).

Além de criticar a objeção de Derrida acerca de uma suposta violência da compreensão, Gadamer defende sua posição filosófica ao relembrar o caráter processual e consensual de diálogo.

Se falo em meus próprios trabalhos sobre a necessidade de que o horizonte de um venha a se fundir com o horizonte do outro em toda compreensão, então essa afirmação também não visa verdadeiramente a nenhum uno permanente e identificável, mas essa fusão acontece no diálogo, que prossegue (Gadamer, 2009, p. 142).

Já para Grondin (2012, pp. 116-117), em acordo com Gadamer, se a linguagem perde o seu lastro e sua correspondência com o ser, a linguagem perde a sua pretensão de dizer o verdadeiro e ocorre, assim, a renúncia a uma verdade compartilhada e cogente a todos. Caímos assim na pós-modernidade, na pós-verdade, em que há a concepção da realidade como uma disputa de narrativas, isto é, como um jogo de vetores de força e de poder, em que a realidade e os fatos são meros adornos retóricos e detalhes facilmente suprimíveis.

Considerações finais: a responsabilidade das ciências humanas no fenômeno das *fake news*

Este artigo teve como objetivo refletir sobre o conceito de *fake news* e da pós-verdade na contemporaneidade, segundo o pensamento de McIntyre. Como vimos, apesar de não se tratar de um fenômeno novo, as *fake news* atreladas à tecnologia da comunicação digital se apresentam como uma versão altamente perniciosa e virulenta para o diálogo com a alteridade e a coesão social, tendo em vista a velocidade e o alcance dessas tecnologias. Ademais, aliado ao conceito de *fake news* está o conceito de pós-verdade, que se refere à perda do lastro de confiança da veracidade do real, e à postura epistemológica em que a verdade é a ideologia vitoriosa, e a realidade é uma disputa entre narrativas.

A pós-verdade é o fenômeno que sintetiza a confusão epistemológica em que nos encontramos, uma vez que a verdade se tornou uma questão de narrativa e de manipulação especialmente do *pathos* da audiência. Após os esclarecimentos dessa primeira parte a exposição segue para o segundo momento, em que apresento as causas para os fenômenos acima descritos. São elas: 1. O negacionismo científico; 2. Os vieses cognitivos (*cognitive bias*); 3. A decadência dos meios tradicionais de comunicação; 4. O surgimento das mídias sociais digitais (*social media*) como fonte de informação e 5. As ciências humanas e a pós-modernidade, que têm como uma das principais teses comuns a todos os seus principais representantes, o relativismo epistemológico. Essa quinta causa, pelo especial interesse nesta reflexão, foi destacada a fim de que se pudesse explorar a responsabilidade das ciências humanas nestes fenômenos, após a reflexão filosófica entre o relativismo, representado pelo pensamento de Derrida e o dogmatismo epistemológico, representado pelo pensamento hermenêutico de Gadamer.

Assim, a terceira parte deste artigo esclarece que a mencionada responsabilidade das ciências humanas se refere especialmente ao conjunto de autores, obras, e pressupostos teóricos que formam o conceito de pós-modernidade, que tem como uma de suas teses principais – e comum à miríade de autores e pensamento, a ideia de que toda verdade é, em ver-

dade, produto de uma disputa de poder entre narrativas. Sendo assim, os fatos – se existem – são irrelevantes. Mais interessante que simplesmente explicar o pós-modernismo foi colocar a articulação entre Derrida, um dos autores mais relevantes desse movimento e o pensamento de Gadamer, autor profícuo para o debate porque ao mesmo tempo que defende a quebra do monopólio da pretensão de verdade da ciência, é um autor epistemologicamente dogmático, isto é, parte do pressuposto não só de que a verdade existe, mas que podemos conhecê-la.

Para Gadamer, a verdade é o horizonte a ser buscado por meio do diálogo, que tem caráter processual e histórico. O diálogo é a linguagem viva, é a linguagem enquanto meio para retificar crenças falsas, uma vez que há abertura para a alteridade. Todavia, para Derrida a linguagem é uma prisão que nunca consegue acessar de fato o verdadeiro. Então, para ele, o que nos resta, é uma disputa de discursos por meio da linguagem, todos muito distantes da realidade e igualmente degradados. Nesse sentido, não há narrativas verdadeiras ou falsas, corretas ou erradas, mas sim narrativas vitoriosas ou perdedoras em seu poder de adesão social. Se por um lado, a postura de suspeita abriu campo para diversas reflexões profícuas e sedutoras, por outro lado seus pressupostos, levados às suas últimas consequências, legitimam teoricamente as pretensões daqueles que manipulam a opinião pública pela criação da dúvida e pela propagação das *fake news*. Trata-se do fato de que o relativismo epistemológico saiu da torre de marfim da academia, está sendo cooptado por diversos grupos, a fim de produzir efeitos concretos e políticos na sociedade. Aqui podemos compreender a fala de Dennet, com cuja entrevista inicio este artigo – “Os filósofos não são assim tão inócuos”.

Em outras palavras, as ciências humanas forneceram o arcabouço teórico necessário para a legitimação da postura de dúvida em relação ao consenso sobre o que é a realidade fática. Para a pós-modernidade, a verdade é a etiqueta dada à narrativa que ganhou a disputa entre as narrativas, reflexo da disputa de agendas e de poder. Nesse sentido, a responsabilidade das ciências humanas em relação às *fake news* se refere ao fato de os pressupostos da corrente pós-modernista abriu espaço para a credibilidade das *fake news*, ou seja, de versões alternativas da realidade,

a partir da adoção da crença de que a verdade é um adorno e os fatos são uma questão de narrativa. Dito de outra forma, a pós-modernidade elegeu a dúvida como seu horizonte de maneira a degradar qualquer possibilidade de consenso sobre o que é real e o que não é. Portanto, a responsabilidade das ciências humanas no fenômeno das *fake news* advém do endosso acadêmico – e quase que acrítico, dos pressupostos da pós-modernidade, que tem sido levados às últimas consequências, de maneira a permitir que o discernimento, antes domínio do *logos*, tenha passado para o do *pathos*, motivo pelo qual o conceito de pós-verdade emergiu como uma preocupação com o desaparecimento da verdade como horizonte.

REFERÊNCIAS

BASTOS, L. C.; CLEMENTI, J. A; SANTOS, F.; FREIRE, P. S. Mídias sociais e redes sociais: conceitos e características. In: *Anais do Seminário Universidades Corporativas e Escolas de Governo*, v.1, n.1, 2017, pp. 455-467. Disponível em: <https://anais.suceg.ufsc.br/index.php/suceg/article/view/80>.

BOULOS, G. *A origem das milícias digitais*. Texto publicado na versão online da revista Carta Capital, em 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-origem-das-milicias-digitais>.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal, *ADPF n. 572*, que discute os limites entre liberdade de expressão, censura e *fake news*. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=-TP&docID=754371407>.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal, *informativo online publicado em 12 julho 2022*. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=490420&ori=1>.

CUGLER, E.; SANTOS, V., RIBEIRO, A. *Pelo direito à realidade, é preciso conter as milícias digitais e as fake news*. Texto de opinião publicado pelo portal *Conjur*, em 11 março 2022. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-mar-11/opiniao-direito-realidade-preciso-conter-milicias-digitais/>.

DENNET, D. C. *Entrevista com Daniel C. Dennet por Carole Cadwalladr*, publicada na versão online do jornal americano *The Guardian*, de 12 fevereiro 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2017/feb/12/daniel-dennett-politics-bacteria-bach-back-dawkins-trump-interview>.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janini. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

DERRIDA, J. *Writting and Difference*. Translated by Alan Bass. London: Routledge, 2001.

FARAHANY, N. A. *The battle for your brain*. New York: St. Martin's Publishing Group, 2023.

FURTADO GOULART, Paula. *Tecnologia, Política e Hermenêutica. Eleuthería - Revista do Mestrado Profissional em Filosofia da Univer-*

sidade Federal de Mato Grosso do Sul, v. 8, n. 14, p. 135-157. DOI: <https://doi.org/10.55028/eleu.v8i14.19265>.

GADAMER, H-G. *Hermenêutica em retrospectiva*. 2ª edição. Tradução de Marco Antonio Casa Nova. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 2009.

GADAMER, H-G. *Hermeneutik I: Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Tübingen: Mohr, 1999a. (Gesammelte Werke 1).

GADAMER, H-G. *Hermeneutik II: Wahrheit und Methode: Ergänzungen und Register*. Tübingen: Mohr, 1999b. (Gesammelte Werke 2).

GADAMER, H-G. *Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Edusf, 2014.

GADAMER, H-G. *Verdade e Método II: Complementos e índice*. Tradução de Enio Paulo Giachini Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Edusf, 2011.

GRONDIN, J. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HEIDEGGER, M. *Ontologia (Hermenêutica da Faticidade)*. Tradução de Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2016.

KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1970. Trad. em português: *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LYOTARD, J. F. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 16ª ed. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 2015.

MCINTYRE, L. *Post-truth*. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.

NASCIMENTO, L.; ALECRIM, M.; OLIVEIRA, J; OLIVEIRA, M.; E COSTA, S. “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. *PLURAL - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 135-171, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018.149019>.

NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva – da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2003.

PARISER, E. *The Filter Bubble: How the New Personalized Web Is Changing What We Read and How We Think*, 2011.

POPPER, K. *Lógica da Pesquisa Científica*. Tradução de Leônidas Hegenberg & Octanny Silveira da Mota. São Paulo, Cultrix, 1974.

RABIN-HAVT, Ari. *Lies, Incorporated: The World of Post-Truth Politics*. New York: Anchor Books, 2016.

ROTHMAYER, M. A. *The drama of life unfolding: The life and work of Steve Tesich*. ETD collection for University of Nebraska – Lincoln, 2002. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/dissertations/AAI3045533>.

SNYDER, T. *On Tyranny: Twenty Lessons from the 20th Century*. New York: Tim Duggan Books, 2017.

SUNSTEIN, C. *Infotopia: How Many Minds Produce Knowledge*, New York, Oxford University Press, 2006.

WELLS, H.G. *The War of the Worlds*. Novel. New York, Signet Classic, 1986.

Recebido em 15 de fevereiro de 2024

Aprovado em 19 de abril de 2024

Publicado em 26 de novembro de 2024